
I

Felícito Yanaqué, dono da Empresa de Transportes Narihualá, saiu de casa naquela manhã, como todos os dias de segunda a sábado, às sete e meia em ponto, depois de fazer meia hora de Qi Gong, tomar um banho frio e preparar o desjejum de costume: café com leite de cabra e torradas com manteiga e umas gotinhas de melado. Ele morava no centro de Piura, e na rua Arequipa já fervia o bulício da cidade, as calçadas altas estavam repletas de gente indo para o escritório, para o mercado, ou levando as crianças para o colégio. Algumas beatas se dirigiam à catedral para a missa das oito. Os vendedores ambulantes ofereciam em voz alta suas balas de mel, pirulitos, apitos, empanadas e todo tipo de quinquilharias, e o cego Lucindo já estava instalado na esquina, debaixo do beiral de uma casa colonial, com o copinho de esmolas aos seus pés. Tudo igual a todos os dias, desde tempos imemoriais.

Com uma exceção. Nessa manhã alguém tinha fixado na velha porta de madeira tachonada da sua casa, à altura da aldraba de bronze, um envelope azul no qual se lia claramente, em letras maiúsculas, o nome do proprietário: DON FELÍCITO YANAQUÉ. Que ele lembrasse, era a primeira vez que alguém deixava uma carta pendurada assim, como uma notificação judicial ou uma multa. O normal era que o carteiro as enfiasse por dentro pela fresta da porta. Descolou o envelope, abriu-o e leu mexendo os lábios à medida que o fazia:

Senhor Yanaqué:

O fato de ser a Empresa de Transportes Narihualá tão bem-sucedida é um orgulho para Piura e para os piuranos. Mas também um risco, pois toda empresa bem-sucedida está exposta a sofrer depredações e vandalismos dos

ressentidos, invejosos e outras pessoas de vida duvidosa que proliferam aqui como o senhor deve saber muito bem. Mas não se preocupe. Nossa organização se encarregará de proteger a Transportes Narihualá, assim como o senhor e sua digna família, contra qualquer contratempo, aborrecimento ou ameaça dos facínoras. Nossa remuneração por esse trabalho será de 500 dólares por mês (uma cifra modesta para o seu patrimônio, como pode ver). Oportunamente entraremos em contato para comunicar as modalidades de pagamento.

Não é necessário enfatizar a importância de que seja mantida a máxima reserva em relação a este assunto. Tudo isto deve ficar entre nós.

Deus o proteja.

Em lugar de assinatura, a carta tinha um tosco desenho de algo que parecia uma aranhinha.

Don Felícito leu-a algumas vezes mais. Estava escrita em uma letra sinuosa e cheia de manchas de tinta. Ele se sentiu surpreso e divertido, com a vaga sensação de que se tratava de uma brincadeira de mau gosto. Amassou a carta junto com o envelope e fez menção de jogá-la na lixeira da esquina do ceguinho Lucindo. Mas se arrependeu e, alisando-a, guardou tudo no bolso.

Havia uma dúzia de quarteirões entre a sua casa, na rua Arequipa, e seu escritório, na avenida Sánchez Cerro. Dessa vez não os percorreu preparando a agenda de trabalho do dia, como fazia sempre, mas remoendo na cabeça a carta da aranhinha. Devia levá-la a sério? Ir à polícia e denunciar? Os chantagistas anunciavam que iam entrar em contato com ele para explicar as “modalidades de pagamento”. Não seria melhor esperar que o fizessem antes de se dirigir à delegacia? Talvez tudo aquilo não passasse de um gracejo de algum desocupado que queria fazê-lo passar um mau pedaço. Nos últimos tempos a delinquência havia aumentado em Piura, é verdade: ataques a casas, assaltos nas ruas, até sequestros que, diziam, as famílias de branquinhos de El Chipe e Los Ejidos pagavam por baixo dos panos. Ele estava desconcertado e indeciso, mas pelo menos de uma coisa tinha certeza:

por nenhuma razão e em nenhum caso daria um centavo a esses bandidos. E, mais uma vez, como tantas outras em sua vida, Felícito se lembrou das palavras do pai antes de morrer: “Nunca se deixe pisar por ninguém, filho. Este conselho é a única herança que posso lhe deixar.” Ele seguiu esse conselho, nunca deixou que o pisassem. E com seu meio século e pouco nas costas, já estava velho demais para mudar de hábitos. Estava tão absorvido nestes pensamentos que cumprimentou rapidamente, com um gesto, o recitador Joaquín Ramos e apertou o passo; normalmente parava um pouco para trocar umas palavras com aquele boêmio impenitente, que devia ter passado a noite em algum boteco e só regressava para casa agora, com os olhos frágeis, seu eterno monóculo e puxando a cabrita que chamava de sua gazela.

Quando chegou ao escritório da Transportes Narihualá já haviam saído, na hora certa, os ônibus para Sullana, Talara e Tumbes, para Chulucanas e Morropón, para Catacaos, La Unión, Sechura e Bayóvar, todos com bastante passageiros, assim como as vans para Chiclayo e as caminhonetes para Paita. Havia um punhado de gente despachando encomendas ou averiguando os horários dos ônibus e vans da tarde. A secretária, Josefita, com seus grandes quadris, olhos espevitados e blusinhas decotadas, já tinha deixado em sua escrivaninha a lista de reuniões e compromissos do dia e a garrafa térmica com o café que ele iria tomando no decorrer da manhã, até a hora do almoço.

— O que há com o senhor, chefe? — cumprimentou. — Por que esta cara? Teve pesadelos de noite?

— Probleminhas — respondeu, enquanto tirava o chapéu e o paletó, pendurava os dois no cabide e se sentava. Mas logo depois se levantou e os colocou de novo, como se tivesse se lembrado de alguma coisa muito urgente.

— Volto já — disse à secretária, a caminho da porta. — Vou registrar uma queixa na delegacia.

— Entraram ladrões na sua casa? — Josefita abriu seus grandes olhos vivazes e esbugalhados. — Agora acontece todo dia em Piura.

— Não, não, depois eu conto.

Com passos decididos, Felícito se dirigiu à delegacia que ficava a poucas quadras do escritório, na mesma avenida Sánchez Cerro. Ainda era cedo e o calor estava suportável, mas ele sabia que

em menos de uma hora aquelas calçadas cheias de agências de viagens e companhias de transporte começariam a arder e que ia voltar para o escritório suando. Miguel e Tiburcio, seus filhos, muitas vezes lhe disseram que era uma loucura estar sempre de paletó, colete e chapéu numa cidade onde todos, pobres ou ricos, andavam o ano inteiro com camisa de manga curta ou *guayabera*. Mas para manter a compostura ele nunca os tirava, desde que inaugurou a Transportes Narihualá, o grande orgulho de sua vida; no inverno ou no verão, estava sempre de chapéu, paletó, colete e uma gravata com seu nó miniatura. Era um homem miúdo e muito magrinho, lacônico e trabalhador que, lá em Yapatera, onde nasceu, e em Chulucanas, onde fez o primário, não usava sapatos. Só começou a usar quando seu pai o trouxe para Piura. Agora tinha cinquenta e cinco anos e se conservava saudável, laborioso e ágil. Pensava que o seu bom estado físico se devia aos exercícios matinais de Qi Gong que seu amigo, o finado vendeiro Lau, lhe havia ensinado. Era o único esporte que praticava na vida, além de caminhar, se é que podiam ser chamados de esporte esses movimentos em câmara lenta que eram acima de tudo, mais que exercício para os músculos, uma maneira diferente e sábia de respirar. Chegou à delegacia esbaforido e furioso. Brincadeira ou não, o fato era que quem escreveu aquela carta o estava fazendo perder a manhã.

A delegacia parecia um forno e, com todas as janelas fechadas, lá dentro estava bastante escuro. Na entrada havia um ventilador, mas parado. O guarda da mesa de atendimentos, um rapazinho imberbe, perguntou o que ele queria.

— Falar com o chefe, por favor — disse Felícito, entregando-lhe um cartão.

— O delegado está de férias por uns dias — explicou o guarda. — Se o senhor quiser, o sargento Lituma, que é o encarregado substituto, pode atendê-lo.

— Falo com ele, então, obrigado.

Teve que esperar quinze minutos até que o sargento se dignasse a recebê-lo. Quando o guarda o fez entrar no pequeno cubículo, o lenço de Felícito já estava molhado de tanto enxugar a testa. O sargento não se levantou para cumprimentá-lo. Estendeu a mão gordinha e úmida e apontou para a cadeira vazia à sua frente. Era um homem roliço, mais para gordo, com uns olhinhos amáveis e um começo de papada que de tanto em tanto

acariciava com carinho. A camisa cáqui da sua farda estava desabotoada e com manchas de suor nas axilas. Em cima da mesinha havia um ventilador, este sim funcionando. Felícito recebeu com gratidão a lufada de ar fresco que lhe acariciou o rosto.

— Em que posso ajudá-lo, senhor Yanaqué.

— Acabei de encontrar esta carta. Presa na porta da minha casa.

Viu o sargento Lituma colocar uns óculos que lhe davam um ar de rábula e, com uma expressão tranquila, ler cuidadosamente a carta.

— Bem, muito bem — disse finalmente, fazendo uma expressão que Felícito não conseguiu interpretar. — São as consequências do progresso, don.

Ao ver o desconcerto do transportista, explicou, balançando a carta na mão:

— Quando Piura era uma cidade pobre, essas coisas não aconteciam. Antes, quem iria pensar em exigir mensalidades de um comerciante? Agora, como há dinheiro, os malandros botam as unhas de fora e querem fazer a festa. A culpa é dos equatorianos, senhor. Como não confiam no governo deles, tiram seus capitais de lá e vêm investir aqui. Estão enchendo os bolsos à custa dos piuranos.

— Isso não me serve de consolo, sargento. Além do mais, ouvindo o senhor falar, até parece que é uma desgraça que as coisas agora estejam bem em Piura.

— Eu não disse isso — interrompeu o sargento, com moderação. — Só disse que nesta vida tudo tem seu preço. E o preço do progresso é este.

Balançou de novo no ar a carta da aranhinha e Felícito Yanaqué pensou que aquela cara morena e gordinha estava zombando dele. Nos olhos do sargento fosforescia uma luzinha entre amarela e esverdeada, como no olhar das iguanas. Do fundo da delegacia ouviu-se uma voz vociferante: “As melhores bundas do Peru estão aqui, em Piura! Eu digo e assino embaixo, cacete.” O sargento sorriu e levou um dos dedos à têmpora. Felícito, muito sério, estava sentindo claustrofobia. Quase não havia espaço para eles dois entre aqueles tabiques de madeira sujos e cobertos de avisos, memorandos, fotos e recortes de jornal. Cheirava a suor e a velhice.

— O filho da puta que escreveu isto tem boa ortografia — afirmou o sargento, examinando de novo a carta. — Eu, pelo menos, não vi erros gramaticais.

Felício sentiu o sangue ferver.

— Não sou bom em gramática e não acho que isso tenha muita importância — murmurou, com um laivo de protesto na voz. — E agora, o que pensa que vai acontecer?

— Imediatamente, nada — respondeu o sargento, sem se alterar. — Vou anotar os seus dados, pelas dúvidas. Pode ser que a coisa não passe desta carta. Alguém com raiva do senhor que quer lhe dar um susto. Ou pode ser que seja sério. Dizem que vão entrar em contato para combinar o pagamento. Se aparecerem de novo, volte aqui e veremos.

— Parece que o senhor não dá muita importância ao problema — protestou Felício.

— Por enquanto, não tem — admitiu o sargento, levantando os ombros. — Isto aqui não passa de um pedaço de papel amassado, senhor Yanaqué. Pode ser uma bobagem. Mas se o negócio ficar mais sério, a polícia agirá, garanto. Enfim, vamos ao trabalho.

Durante um bom tempo, Felício teve que recitar seus dados pessoais e empresariais. O sargento Lituma ia anotando tudo num caderno de capa verde com um lapizinho que molhava na boca. O transportista respondia às perguntas, que lhe pareciam totalmente inúteis, com um desânimo crescente. Registrar a queixa era uma perda de tempo. Este tira não ia fazer nada. Além do mais, não diziam que a polícia era a mais corrupta das instituições públicas? Vai ver que a carta da aranhinha tinha saído desta cova fedorenta. Quando Lituma lhe disse que o papel tinha que ficar na delegacia como prova, Felício deu um pulo.

— Eu queria tirar uma fotocópia, primeiro.

— Aqui não temos fotocopadora — explicou o sargento, apontando com os olhos para a austeridade franciscana do lugar. — Na avenida tem muitas lojas que fazem fotocópias. Pode ir e voltar, don. Eu espero aqui.

Felício foi para a avenida Sánchez Cerro e, perto do Mercado Central, encontrou o que procurava. Teve que esperar algum tempo enquanto uns engenheiros tiravam cópias de um monte de

planos e decidiu não voltar a se submeter ao interrogatório do sargento. Entregou a cópia da carta ao guarda novinho da recepção e, em vez de voltar para o escritório, mergulhou de volta no centro da cidade, cheio de gente, buzinas, calor, alto-falantes, mototáxis, automóveis e ruidosos carrinhos de mão. Atravessou a avenida Grau, a sombra dos tamarindos da Praça de Armas e, resistindo à tentação de entrar no El Chalán para tomar uma *cremolada* de frutas, dirigiu-se ao antigo bairro do camal, onde passara a adolescência, a Gallinacera, ao lado do rio. Pedia a Deus que Adelaida estivesse na lojinha. Seria bom conversar com ela. Ia melhorar o seu ânimo, e quem sabe a santeira lhe dava um bom conselho. O calor já estava no auge e ainda não eram nem dez da manhã. Sentia a testa úmida e uma área de calor na altura da nuca. Andava depressa, com passos curtos e velozes, esbarrando nas pessoas que superlotavam as calçadas estreitas com cheiro de xixi e de fritura. Um rádio tocava a todo volume a salsa *Merecumbé*.

Felício às vezes pensava, e chegou a dizer a Gertrudis, sua mulher, e aos seus filhos, que Deus, para premiar seus esforços e sacrifícios de toda a vida, tinha colocado em seu caminho duas pessoas, o vendeiro Lau e a adivinha Adelaida. Sem eles nunca teria se dado bem nos negócios, nem progredido com a sua empresa de transportes, nem constituído uma família decente, nem gozaria desta saúde de ferro. Ele nunca foi de fazer amizades. Desde que o coitado do Lau foi para o outro mundo, levado por uma infecção intestinal, só lhe restava Adelaida. Felizmente ela estava lá, em frente ao balcão da sua lojinha de ervas, santos, aviamentos e bugigangas, olhando as fotografias de uma revista.

— Oi, Adelaida — cumprimentou, estendendo-lhe a mão. — Aperta aqui. Que bom que encontrei você.

Era uma mulata sem idade, atarracada, bunduda, peituda, que ficava descalça no piso de terra da lojinha, com seus cabelos longos e crespos varrendo os ombros e sempre vestindo uma eterna túnica ou hábito de pano cru cor de barro, que chegava até os tornozelos. Tinha uns olhos enormes e um olhar que parecia perfurar mais que fitar, atenuado por uma expressão simpática, que inspirava confiança nas pessoas.

— Quando você vem me visitar é porque alguma coisa ruim lhe aconteceu ou vai acontecer — riu Adelaida, dando-lhe uma palmada nas costas. — Então qual é o problema, Felício?

Ele lhe mostrou a carta.

— Deixaram isto na minha porta esta manhã. Não sei o que fazer. Dei queixa na delegacia, mas acho que foi à toa. O tira que me atendeu não prestou muita atenção.

Adelaida tocou na carta e cheirou-a, aspirando profundamente como se aquilo fosse um perfume. Depois levou-a à boca e Felícito achou que até chupava uma pontinha do papel.

— Leia isto para mim, Felícito — disse, devolvendo-a. — Já vi que não é uma cartinha de amor, *che guá*.

Ouviu muito séria enquanto o transportista lia. Quando ele terminou, fez uma careta de troça e abriu os braços:

— O que quer que eu lhe diga, papaizinho?

— Diga se é para valer, Adelaida. Se eu tenho que me preocupar ou não. Ou se é apenas um trote que alguém está me passando, por exemplo. Esclareça isso, por favor.

A santeira soltou uma gargalhada que sacudiu todo o seu corpo gorducho escondido debaixo da ampla túnica cor de barro.

— Eu não sou Deus para saber essas coisas — exclamou, subindo e descendo os ombros e balançando as mãos.

— Você não tem nenhuma inspiração, Adelaida? Nestes vinte e cinco anos em que a conheço, você nunca me deu um mau conselho. Todos eles me serviram. Não sei o que teria sido da minha vida sem você, comadre. Não pode me dar algum, agora?

— Não, papaizinho, nenhum — respondeu Adelaida, fazendo-se de triste. — Não tenho nenhuma inspiração. Sinto muito, Felícito.

— Bem, o que se há de fazer — assentiu o transportista, puxando a carteira. — Se não tem, não tem.

— Por que vai me dar dinheiro, se não pude lhe dizer nada? — protestou Adelaida. Mas acabou guardando no bolso a nota de vinte soles que Felícito insistiu que aceitasse.

— Posso me sentar um pouco aqui, na sombra? Estou exausto de tanta correria, Adelaida.

— Sente-se e descanse, papaizinho. Vou lhe trazer um copo de água fresquinha, recém-tirada do filtro de pedra. Pode ficar à vontade.

Enquanto Adelaida ia até o interior da loja e voltava, Felícito examinou na penumbra do lugar as teias de aranha prateadas que caíam do teto, as prateleiras velhas com saquinhos

de salsa, alecrim, coentro, hortelã, e as caixas com pregos, parafusos, grãos, casas, botões, entre estampinhas e imagens de virgens, cristos, santos e santas, beatos e beatas, recortados de revistas e jornais, algumas com velinhas acesas e outras com enfeites que incluíam rosários, estampas e flores de cera e de papel. Era por causa dessas imagens que a chamavam de santeira em Piura, mas, no quarto de século que a conhecia, Adelaida nunca pareceu muito religiosa a Felícito. Nunca a viu na missa, por exemplo. Além do mais, diziam que os padres dos bairros a consideravam uma bruxa. Os garotos da rua às vezes lhe gritavam: “Bruxa! Bruxa!” Não era verdade, ela não fazia bruxarias, como tantas cholas matreiras de Catacaos e de La Legua que vendiam poções medicinais ou mágicas para dar azar, apaixonar ou desapasionar, ou os xamãs de Huancabamba que esfregavam um porquinho-da-índia no corpo dos doentes que lhes pagavam para livrá-los dos seus males ou mergulhavam na lagoa Las Huaringas. Adelaida nem sequer era uma adivinha profissional. Só exercia esse ofício muito de vez em quando, e só com os amigos e conhecidos, sem pedir um centavo. Mas, se eles insistissem, acabava ficando com o presentinho que queriam lhe dar. A mulher e os filhos de Felícito (e também Mabel) caçoavam dele pela fé cega que tinha nas inspirações e nos conselhos de Adelaida. E não apenas acreditava; também se afeioou a ela. Sentia pena da sua solidão e da sua pobreza. Não conhecia marido nem parentes dela; estava sempre sozinha, mas parecia contente com a vida de anacoreta que levava.

Ele a conhecera um quarto de século antes, quando era motorista interprovincial de caminhões de carga e ainda não possuía a sua pequena empresa de transportes, embora já sonhasse com isso noite e dia. Foi no quilômetro cinquenta da Panamericana, nesses casarios onde os motoristas de ônibus, caminhões e vans paravam para tomar um caldinho de galinha, um café, uma cuia de chicha e comer um sanduíche antes de enfrentar a longa e tórrida travessia do deserto de Olmos, cheio de poeira e pedras, vazio de povoados e sem um único posto de gasolina nem oficina mecânica em caso de problemas. Adelaida, que já então usava a camisola cor de barro que seria para sempre a sua única vestimenta, era dona de uma das barracas de charque e refrescos. Felícito conduzia um caminhão da Casa Romero,

carregado de fardos de algodão até o topo, rumo a Trujillo. Ia sozinho, seu ajudante tinha desistido da viagem na última hora porque avisaram do Hospital Operário que sua mãe estava muito mal e podia morrer a qualquer momento. Estava comendo uma pamonha, sentado no banquinho do balcão de Adelaida, quando notou que a mulher olhava para ele de uma maneira estranha com aqueles seus olhos fundos e perscrutadores. Que diabos tinha aquela dona, *che guá?* Estava com o rosto desfigurado. Parecia assustada.

— O que foi, dona Adelaida? Por que está me olhando assim, está desconfiada de alguma coisa?

Ela não disse nada. Continuava com seus grandes e profundos olhos escuros fixos nele e tinha uma expressão de nojo ou de medo que afundava suas bochechas e enrugava a testa.

— Você está passando mal? — insistiu Felícito, incomodado.

— Não suba nesse caminhão, vai ser melhor — disse finalmente a mulher, com uma voz rouca, fazendo um grande esforço para que a língua e a garganta lhe obedecessem. Apontava para o caminhão vermelho que Felícito tinha estacionado na beira da estrada.

— Não subir no meu caminhão? — repetiu ele, desconcertado. — E por quê, pode-se saber?

Adelaida tirou os olhos dele por um instante, olhando para os lados como se temesse que os outros motoristas, fregueses ou donos das lojinhas e dos botecos das barracas pudessem ouvir.

— Tive uma inspiração — disse, abaixando a voz, ainda com o rosto desfigurado. — Eu não sei explicar. Mas acredite no que estou dizendo, por favor. É melhor não entrar nesse caminhão.

— Agradeço o seu conselho, senhora, com certeza é de boa-fé. Mas eu tenho que ganhar o meu feijão. Sou motorista, ganho a vida com o caminhão, dona Adelaida. Como vou levar comida para a minha mulher e meus dois filhinhos, senão?

— Pelo menos tenha muito cuidado, então — pediu a mulher, abaixando a vista. — Escute o que estou dizendo.

— Isso sim, senhora. Prometo. Sempre tenho cuidado.

Uma hora e meia depois, numa curva da estrada de terra, em meio a uma espessa poeira cinza-amarelada, surgiu der-

rapando e chiando o ônibus da Cruz de Chalpón que veio bater no seu caminhão, com um som retumbante de lataria, freios, gritos e rangidos de pneus. Felício tinha bons reflexos e conseguiu se desviar tirando a parte dianteira da pista, de modo que o ônibus colidiu contra a carroceria e a carga, o que lhe salvou a vida. Mas até que os ossos das costas, do ombro e da perna direita soldassem, ficou imobilizado por uma camada de gesso que, além de dores, lhe dava uma comichão enlouquecedora. Quando finalmente pôde voltar a dirigir, a primeira coisa que fez foi ir ao quilômetro cinquenta. Dona Adelaida o reconheceu imediatamente.

— Nossa, ainda bem que o senhor já está recuperado — disse à guisa de saudação. — Uma pamonha e um refrigerante, como sempre?

— Eu lhe imploro pelo mais sagrado, conte como já sabia que aquele ônibus da Cruz de Chalpón ia bater em mim, dona Adelaida. Não parei de pensar nisso desde então. A senhora é bruxa, santa ou o quê?

Viu que a mulher ficava pálida e não sabia o que fazer com as mãos. Havia inclinado a cabeça, confusa.

— Eu não sabia de nada — balbuciou, sem olhar para ele e parecendo sentir-se acusada de algo grave. — Tive uma inspiração, foi só isso. Acontece comigo às vezes, nunca sei por quê. Eu não as procuro, *che guá*. Juro. É uma maldição que caiu em cima de mim. Não gosto de saber que o santo Deus me fez assim. Rezo todo dia para que me tire esse dom que me deu. É um negócio terrível, sabe. Eu acabo me sentindo culpada de todas as coisas ruins que acontecem com as pessoas.

— Mas o que foi que a senhora viu? Por que me disse naquela manhã que era melhor não entrar no caminhão?

— Eu não vi nada, nunca vejo essas coisas que vão acontecer. Já lhe disse. Só tive um palpite. De que se o senhor subisse no caminhão poderia lhe acontecer alguma coisa. Não sabia o quê. Nunca sei o que é que vai acontecer. Só sei que é preferível não fazer certas coisas, porque vão ter consequências ruins. E então, vai comer essa pamonha e tomar uma Inca Kola?

Ficaram amigos a partir de então e logo depois começaram a tratar-se de você. Quando dona Adelaida saiu das barracas do quilômetro cinquenta e abriu sua lojinha de ervas, aviamen-

tos, bugigangas e imagens religiosas nas vizinhanças do antigo camal, Felícito vinha visitá-la pelo menos uma vez por semana e conversar um pouco. Quase sempre trazia algum presentinho, doces, uma torta, umas sandálias e, na despedida, deixava algum dinheiro naquelas mãos de homem duras e calosas que tinha. Consultou com ela sobre todas as decisões importantes que teve que tomar nesses vinte e tantos anos, principalmente desde que fundou a Transportes Narihualá: as dívidas que contraiu, os caminhões, ônibus e carros que foi comprando, os espaços que alugou, os motoristas, mecânicos e funcionários que contratava ou despedia. Na maioria das vezes, Adelaida ria das suas perguntas. “E o que vou saber disso, Felícito, *che guá*. Como quer que lhe diga se é melhor um Chevrolet ou um Ford, eu lá sei de marcas de carros, nunca tive nem vou ter um.” Mas, às vezes, mesmo não sabendo do que se tratava, tinha uma inspiração e lhe dava um conselho: “Sim, entre nisso, Felícito, vai dar certo, eu acho.” Ou então: “Não, Felícito, não vale a pena, não sei bem o que é mas tem alguma coisa cheirando mal nessa história.” Para o transportista, as palavras da santeira eram verdades reveladas e ele as obedecia ao pé da letra por mais incompreensíveis ou absurdas que parecessem.

— Você adormeceu, papaizinho — ouviu-a dizer.

De fato, tinha caído no sono depois de beber o copo de água gelada que Adelaida lhe trouxera. Quanto tempo tinha ficado cabeceando nessa cadeira de balanço dura que lhe deu cáibras no traseiro? Olhou o relógio. Bem, só uns minutinhos.

— Foram as tensões e a agitação desta manhã — disse, já se levantando. — Até logo, Adelaida. Que tranquilidade aqui na sua lojinha. Sempre me faz bem vir lhe fazer uma visita, mesmo que você não tenha nenhuma inspiração.

E, no mesmo instante em que pronunciou a palavra-chave, inspiração, a palavra que Adelaida usava para definir o misterioso dom que possuía, de adivinhar as coisas boas ou más que iam acontecer com algumas pessoas, Felícito se deu conta de que a expressão da santeira não era mais aquela com que o havia recebido, escutado a leitura da carta da aranhinha e afirmado que não lhe causava nenhuma reação. Agora estava muito séria, com uma expressão grave, o cenho franzido, mordiscando uma unha. Parecia tentar controlar a angústia que começava a dominá-la.

Seus grandes olhos estavam fixos nele. Felícito sentiu o coração acelerar.

— O que foi, Adelaida? — perguntou, alarmado. — Não me diga que agora sim...

A mão rija da mulher apertou seu braço e cravou nele os dedos.

— Dê a eles o que estão pedindo, Felícito — murmurou. — Vai ser melhor assim, dê o que estão pedindo.

— Pagar quinhentos dólares por mês a esses chantagistas para não me incomodarem? — o transportista se escandalizou. — É isso que a inspiração está lhe dizendo, Adelaida?

A santeira soltou o seu braço e lhe deu uma palmadinha, carinhosa.

— Eu sei que é ruim, sei que é muito dinheiro — assentiu. — Mas, afinal, que importância tem o dinheiro, não é? Mais importante é sua saúde, sua tranquilidade, seu trabalho, sua família, seu amorzinho de Castilla. Enfim. Sei que você não gosta de ouvir isso. Eu também não gosto de dizer, você é um bom amigo, papaizinho. Além do mais, quem sabe estou enganada e acabei dando um mau conselho. Você não tem por que acreditar, Felícito.

— Não é pelo dinheiro, Adelaida — disse ele, com firmeza. — Um homem não pode se deixar pisar por ninguém nesta vida. A questão é essa, comadre.